

---

## Editorial

---

---

Com este número a *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental* encerra o segundo ano de publicação regular, com um crescente corpo de assinantes e um número cada vez maior de colaborações de excelente nível.

Criada para publicar trabalhos resultantes das investigações realizadas pelos membros dos três grupos permanentes de pesquisa que a patrocinam, a *Revista* passa a receber contribuições de pesquisadores pertencentes a outros grupos e de orientações teórico-metodológicas diversas, revelando ser periódico relevante para os que se dedicam à psicopatologia.

Representando o ponto de vista da Psicopatologia Fundamental – assim denominada para se distinguir da Psicopatologia Geral –, a *Revista* pretende ser um local de interlocução onde pesquisadores e psicoterapeutas das mais diversas orientações – biólogos, médicos, psicólogos, filósofos, cientistas sociais, fonoaudiólogos, psicanalistas etc. – publicam trabalhos a respeito da natureza do sofrimento humano sem ter que abrir mão de suas respectivas posições. Essa, aliás, é uma exigência mesmo da interlocução: que posições sejam sustentadas e respeitadas sem se pretender reduzi-las à do outro. Além disso, a interlocução apóia-se no pressuposto a respeito da incompletude do conhecimento. Troca-se idéias e experiências no campo da psicopatologia porque nenhum dos conhecimentos nomeados acima detém

---

a verdade sobre o sofrimento humano, mas possui uma verdade a respeito deste assunto.

Esse é o panorama do fim do milênio: uma longa e rica trajetória foi percorrida no Ocidente e o novo milênio, como sói acontecer com o futuro, é prenhe de incertezas. Entretanto, como acredita-se, no Ocidente, estamos inseridos numa tradição e esta determina as possibilidades futuras, ou seja, fazemos parte de uma história e, assim, é necessário constantemente pensar de onde viemos e quais os caminhos que o percorrido abre em direção ao futuro.

A civilização ocidental, tendo como berço a Grécia Antiga, funda-se no tratamento do *pathos*, da paixão, do excesso, daquilo que submete o humano tornando-o sujeito. O Direito, a primeira forma encontrada pelos gregos para tratar do excesso, do *pathos*, manifestado numa ordem social regulada pela lei do talião (“olho por olho, dente por dente”), visa introduzir a *sophrosyne*, que poderia ser designada, aproximadamente, como “o senso comum”. Pelo senso comum, confundido às vezes com bom senso, o Direito procura, nos seus primórdios, definir limites para ações humanas consideradas excessivas e danosas, causadoras de sofrimento e impossibilitadoras de um *logos*, um discurso desejoso de se manifestar na *polis*, a primeira cidade grega. Neste sentido, o Direito pode ser considerado, pelo menos em seus fundamentos, uma *sociopatologia* que inclui pretensões de uma psicopatologia. A respeito das leis, diz Platão que o maior bem não é nem a guerra nem a revolução – coisas em relação às quais deveríamos, de preferência, orar para delas sermos poupados –, mas sim a paz recíproca e o sentimento amistoso.

O Direito e a política, os afazeres da *polis*, trataram o excesso humano, o *pathos*, permitindo um novo discurso (*logos*) a respeito do sofrimento. Para isso criou-se até um espaço específico, denominado teatro, onde atores puderam pronunciar a tragédia e a comédia, que tinham por objetivo não só relatar o vivido, mas produzir, na platéia, não a *catarsis*, a expressão do sofrimento, mas brotações que representassem o vivido de forma a aprimorar o convívio na *polis*. O teatro grego tinha, portanto, uma dupla função que sempre esteve enfeixada na *terapéia*: permitir o relato do vivido para alguém que, o escutando, possibilite uma brotação representativa que produz uma reviravolta no relato do vivido e a constituição de uma experiência.

Uma terceira psicopatologia surgiu, também, na Grécia Antiga, no seio da medicina.

O mundo ocidental moderno é, seguramente, herdeiro dessas tradições gregas, inclusive naquilo que o caracteriza: a razão iluminista. De fato, desde o século XVIII, a razão iluminista, incluindo a ciência, passou a ser uma outra psicopatologia. O ideal de uma ordem racional e causal para o mundo e para os homens tem como alvo o controle dos desvios e dos excessos, mas tem servido, também, para a realização de descobertas desconcertantes que atingem o nosso *ingênuo* amor-próprio,

ele mesmo um excesso que nos submete. Para alguns, a razão iluminista passou a ser um excesso à medida que acredita que pode efetivamente controlar o mundo e os homens. Ela, criada para ser um discurso iconoclasta, representado principalmente pelo totalitarismo da Igreja e do Estado, pôde se transformar em mais um ícone visando satisfazer o insaciável amor-próprio. Nem mesmo a descoberta do inconsciente freudiano abalou a megalomania do humano, que continua acreditando na possibilidade do ego ser senhor em sua própria casa.

Assim, desde o século XVIII, o Ocidente vem elaborando um discurso – *logos* – sobre o sofrimento – *pathos* – que se origina na Grécia Antiga com o Direito, a política, a tragédia, a filosofia e a medicina e que continua a ser pronunciado na literatura, na psicologia, na biologia e, mais recentemente, na psicanálise. Essas psicopatologias têm se empenhado em descrever e analisar as causas e as conseqüências do excesso, do que faz o humano sofrer e tem, como horizonte, a possibilidade do tratamento constituindo experiências e, em última instância, da cura.

A novidade introduzida pela Psicopatologia Fundamental, além da de ser um campo que se diferencia da Psicopatologia Geral, não é nenhuma novidade. Mas, de qualquer forma, lembra que para o *pathos* não há cura já que ele caracteriza o humano. Curar o humano do *pathos* implicaria mutação que extinguiria a espécie tal como ela é conhecida hoje.

Entretanto, essa é, justamente, a mais forte perspectiva que surge no horizonte do segundo milênio. O projeto genômico talvez seja verdadeiramente curativo do *pathos*, pois não só pretende replicar o humano como corrigir os males que possam afligir cada um de nós numa tendência genética. Isso, entretanto, significaria uma reviravolta de tal ordem a constituir uma nova espécie ainda desconhecida. Não há nada de espantoso nessa possibilidade já que se encontra inserida na própria tradição do humano, espécie repetitiva e criativa, como já observou Darwin. Graças às nossas capacidades criativas podemos produzir uma reviravolta significando mutação geradora de nova espécie. No caso do humano, graças à ciência, a evolução depende não só do acaso, mas, também, do processo criativo controlado.

Mas enquanto a espécie existir, tal como é conhecida hoje, haverá lugar para uma psicopatologia que seja, ao mesmo tempo, psicoterapêutica desde que por psicoterapia se entenda o tratamento da paixão, do pático, daquilo que é vivido e que pode se tornar experiência. Neste sentido, a Psicopatologia Fundamental quer dizer, também, um discurso a respeito de um sofrimento que, por ser psíquico, porta em si mesmo a possibilidade de um ensinamento interno. Entretanto, para que o ensinamento interno ocorra é necessário que a paixão encontre sua justa palavra que seja escutada por alguém. A justa palavra da paixão coloca imediatamente a posição do terapeuta. Uma paixão não pode ensinar nada, pelo contrário, conduz à morte, se não encontrar justa palavra que a represente e que seja escutada por aquele

que, estando fora, sendo estrangeiro e, portanto, encontrando-se a uma certa distância dessa mesma paixão, pode reconhecer a natureza curativa da palavra que a representa.

Desde o século XVIII, o sofrimento, o *pathos*, persiste de tal forma que, hoje, é possível dizer do humano que se trata de uma espécie psicopatológica. Ora, a própria psicopatologia, entendida em sua dimensão psicoterapêutica que traz em si a possibilidade de cura, transformando a paixão em experiência, enfrenta seu limite. O mal-estar não tem fim, mesmo num mundo pacificado e amistoso, controlado pela ciência, pela burocracia e pelo Direito. Ao contrário, aquém da mutação genômica, o humano também inventa novos sofrimentos como a burocracia, novas formas de ordenalidade melancólica como o individualismo, o totalitarismo religioso e secular, a toxicomania, o objetivismo que pretende recalcar, através de drogas e de cirurgias, aquilo que se expressa e que é da ordem do subjetivo etc. que reclamam novas práticas psicoterapêuticas e novas navegações metapsicológicas.

Assim, não é sem razão que o Prof. Dr. Mário Eduardo Costa Pereira coordena a realização do V Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental, ocorrendo de 13 a 15 de setembro de 2000, na Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, que será dedicado aos desafios para a psicopatologia no próximo século.